



**Os Novos Rumos da Teoria da História:
Como os Pares Antitéticos Assimétricos Propostos por Koselleck podem Ajudar a
Melhor Compreender a Crítica ao Descontinuismo de David Carr?**

Wagner Augusto Hundertmarck Pompéo¹

Resumo: Atravessamos um momento em que a Teoria da História conquistou um papel de protagonismo devido não somente a permitir melhor compreender os elementos essenciais da história narrativa, como, sobretudo, problematizar o verdadeiro alcance que essa história tem. Dentre os principais autores que, pode-se dizer, são responsáveis por essa maior abertura que a Teoria da História recebeu, estão David Carr e Reinhart Koselleck. Partindo desse contexto, o presente trabalho, para além de explorar os pares antitéticos assimétricos trazidos por Koselleck e a crítica ao descontinuismo adotada por Carr, busca melhor compreender como a ideia do primeiro pode auxiliar a compreender a crítica levantada pelo segundo. Adotando metodologia bibliográfica e método dedutivo, o trabalho conclui, que os pares antitéticos assimétricos propostos por Koselleck, no texto “Teoria da História e Hermenêutica”, prestam-se como exemplos de fácil indagação à compreensão de outras formas, menos definitivas, mas também importantes, de fechamento e estrutura a que se refere Carr, no texto intitulado “A Narrativa e o Mundo Real: Um Argumento a Favor da Continuidade”.

Palavras-Chave: David Carr. Reinhart Koselleck. Teoria da História. Descontinuismo.

**The new Directions of the Theory of the Story:
As the Antithetical Pairs Proposed by Asymmetric Koselleck can Help to Better
Understand the Criticism of the Descontinuismo of David Carr?**

Abstract: We are going through a moment in which Theory of History has gained a leading role, not only to better understand the essential elements of narrative history, but above all to problematize the true scope of this history. Among the leading authors, one might say, are responsible for this greater openness that the Theory of History has received, are David Carr and Reinhart Koselleck. In addition to exploring the asymmetric antithetical pairs brought by Koselleck and the critique of Carr's discontinuity, the present work seeks to better understand how the idea of the former can help us understand the criticism raised by the latter. Adopting a bibliographical methodology and deductive method, the paper concludes that the asymmetric antithetic pairs proposed by Koselleck in the text “Theory of History and Hermeneutics”, provide as examples of easy inquiry to the understanding of other forms, less definitive, but also important, of closure and structure to which Carr refers, in the text entitled “Narrative and the Real World: An Argument in Favor of Continuity”.

Keywords: David Carr. Reinhart Koselleck. History Theory. Discontinuity.

¹ Doutorando em História, Poder e Cultura pela Universidade Federal de Santa Maria (PPGHS/UFSM). Mestre em Direitos Emergentes na Sociedade Global pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor da Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA).



Introdução

Atravessamos um momento em que a Teoria da História conquistou um papel de protagonismo devido não somente permitir melhor compreender os elementos essenciais da história narrativa, como, sobretudo, problematizar o verdadeiro alcance que essa história tem. Dentre os principais autores que, pode-se dizer, são responsáveis por essa maior abertura que a teoria da História recebeu, estão David Carr e Reinhart Koselleck, os quais constituem objeto de análise do presente estudo, bem como outros, como, por exemplo, Keith Jenkins, Bruno Latour, Bjorn Olsen, Viveiros de Castro, Has-Georg Gadamer, Hans Ulrich Gumbrecht, Frank Ankersmit, Ewa Domaska, Leif Jerram e John Coetzee.

Partindo desse contexto, fica fácil perceber que considerando a pluralidade de teóricos e suas respectivas teorias, bem como o fato de todas elas, mesmo que às vezes conflitantes entre si, contribuir para o que tivemos por bem chamar de “os novos rumos da Teoria da História”, não se revela possível, nem recomendável – sob a pena de apresentar-lhes uma colcha de retalhos –, contemplá-las todas em mesmo trabalho. Isso porque, apesar de referidos historiadores, arqueólogos e filósofos da linguagem procurarem dar respostas satisfatórias para uma mesma historiografia, para além da contraposição em uma ou mais delas, correríamos ainda, o risco de que essa análise fosse excessivamente rasa e, além disso, incapaz de orientar a mudança que propõe.

Assim, para fins de delimitação do tema, pareceu-nos que conjugar apenas dois dos autores antes referidos seria o ideal. Por isso da opção em buscar travar um diálogo entre Reinhart Koselleck e David Carr, os quais serão aqui abordados a partir dos textos “Teoria da História e Hermenêutica” e “A Narrativa e o Mundo Real: Um Argumento a Favor da Continuidade”, respectivamente.

À luz desse diálogo, enquanto objeto, o presente trabalho se dedica a demonstrar como os pares antitéticos assimétricos propostos no texto de Koselleck se prestam como exemplos de fácil indagação à compreensão das outras formas, menos definitivas, mas também importante, de fechamento e estrutura, a que Carr se refere em seu texto. Para tanto, o trabalho, que adota metodologia bibliográfica e método dedutivo, será dividido em três partes. Na primeira delas, nosso foco será Reinhart Koselleck, à respeito de quem se esboçará um apanhado geral de sua vida e obra, com ênfase fundamentalmente no pensamento de Heideggeriano, estabelecido como ponto de partida para sua “Teoria da História e



hermenêutica”, enquanto que, na segunda, a análise terá como foco a questão “o que é o tempo histórico”, fundamental estabelecida pelo autor. Na subsequente, por sua vez, esse mesmo apanhado geral de vida e obra volta à cena, porém, agora, tendo como foco o teórico David Carr e sua proposta de fundir fenomenologia e narrativismo para, depois disso, termos condições de entender a crítica ao descontínuo por ele construída e que aqui será analisada por meio da obra “A Narrativa e o Mundo Real: Um Argumento a Favor da Continuidade”.

Feito isso, já compreendida a linha de pensamento de ambos os autores – Koselleck e seus “pares antitéticos assimétricos” e Carr e sua “crítica ao descontínuo” –, é hora de procurar compreender no que os elementos de finitude trazidos por aquele importam a ideia de “continuidade” pregada a narrativa por este, tarefa da qual a conclusão do presente trabalho se ocupará.

Reinhart Koselleck

A fim de procurar alcançar uma melhor compreensão das ideias de Koselleck, torna-se imprescindível tratar, além de sua teoria, também de sua vida e obra e a importância que teve para ambas a filosofia de Martin Heidegger, utilizada por ele como ponto de partida para sua teoria da história e hermenêutica. Mesmo que não se tenha espaço suficiente para uma discussão mais aprofundada da Filosofia Heideggeriana, procuraremos estabelecer ao menos o que se pode compreender como arcabouço fundamental mínimo que possa resumir suas ideias, já que não o fazendo, não se pode olvidar o leitor que poderia enfrentar maior dificuldade na compreensão não só da teoria de Koselleck como do próprio objetivo que tem o presente trabalho. Registre-se, contudo, que o apanhado que se verá a respeito de Heidegger não tem a intenção de contemplar a totalidade de sua vasta obra, muito menos de esgotar os infinitos debates que a partir dela poderiam ser travados.

Teoria da História e Hermenêutica

Nascido em Görlitz, na Alemanha, em 23 de abril de 1926, ao longo de sua trajetória intelectual Reinhardt Koselleck acumulou formação em história, sociologia e direito público, tornando-se, não à toa, um dos grandes intelectuais alemães do pós-guerra. Falecido em Bad Oeynhausen, em 3 de fevereiro de 2006; ao longo de sua vida o autor, embora tenha explorado também a Europa do século XVIII – marcadamente numa análise administrativa, intelectual e social da Prússia e da Alemanha entre os séculos XVIII e XIX –, dedicou-se,



com bastante sucesso, ao campo da história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*), área na qual compôs um significativo número de ensaios e investigações.

Tendo estudado em Heidelberg e Bristol, era de se esperar fosse bastante influenciado por esses intelectuais, que para além do protagonismo intelectual foram seus professores. É o caso, por exemplo, de Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Carl Schmitt, Werner Conze, Alfred Weber, entre outros.

Até então sob o domínio de uma demasiada consciência científica e histórica que se impunha sobre todos os campos da vida humana, fazendo com que se perdesse a dimensão da importância do presente como local de debate, a historiografia da época revelava-se ineficaz e, por isso, segundo os críticos, carecedora de um novo olhar. Olhar esse, aliás, que além de romper com o paradigma que havia perdurado com êxito na modernidade ocidental, serviu para reforçar a crítica que a acusava de ser responsável por boa parte das horrendas chagas deixadas pelo período de guerras².

É em meio a esse cenário, portanto, que notamos a construção teórica de Koselleck, que vale lembrar, estabelece uma forte crítica às consequências que a historicidade-científica impôs ao mundo moderno e que passa a justificar, a partir de então, a necessidade de reorientação das ciências humanas em sentido amplo. A arma escolhida para tanto: o pensamento, fundamentalmente estruturado a partir da filosofia de Martin Heidegger, em seu “Ser e Tempo”, no qual o autor, a exemplo do que já ocorrida com a filosofia desde o final do século XIX, propôs uma mudança de foco para a compressão da História.

Em outras palavras, Heidegger (1985, p. 2) deixa de lado a busca por tornar a História uma ciência, trabalhando-a do ponto de vista fenomenológico, isto é, tratando da questão histórica antes de qualquer consideração científica. Para ele, isso “não é uma questão de uma fenomenologia das ciências da história e da natureza, ou mesmo de uma fenomenologia da história e da natureza como objetos dessas ciências”, mas, em verdade, “de uma revelação fenomenológica do tipo original de ser e a constituição de ambas”.

Para Heidegger (1985), que não fixa distinção entre o que é objeto das ciências naturais e históricas, não há uma delimitação para cada ciência ou uma forma de transposição do método natural para o histórico. Pelo contrário, já que é partindo desse pressuposto, que o

² PEREIRA, Luisa Rauter. O debate entre Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck a respeito do conhecimento histórico: entre tradição e objetividade. *História da Historiografia*, v. 1, p. 245-265, 2011.



autor passa a estabelecer sua discussão fundamental, centrada no trato da História a partir da ontologia fenomenológica. A proposta que Heidegger vai além da pura e simples interpretação da vida e da história. Ele questiona pela via ontológica a compressão da constituição do ser – o *Dasein* – ente que somos nós mesmos e que entre outras coisas, tem essa possibilidade de ser que é o perguntar, e, que passa a ajudar na construção de novos caminho para a compreensão não só da História, como do próprio tempo e da vida concreta.

Colocado por Heidegger através da expressão composta “ser-no-mundo” (*In-der-Welt-sein*), o *Daisen* é compreendido como algo que do mundo e das coisas não se separa, compondo, pelo contrário, o que em sua própria forma revela-se como um fenômeno unitário. Trata-se ele de um ente temporal e finito, uma vez que é marcada pela angústia característica da certeza e expectativa/antecipação da morte – fato que acaba justificando sua opção pela utilização da expressão “ser-para-a-morte” (*Das Sein zum Tod*) –, bem como histórica, já que, segundo Heidegger (2001, p. 181), “histórico é o modo como me relaciono com aquilo que vem ao meu encontro, com o que está presente e com o que já foi”.

Em outras palavras, temos o que é do sentido ontológico de compreensão da morte que o *Daisen* vê revelada sua finitude, que revela não um algo acabado em sua totalidade, mas um algo sempre em vias de findar, um algo com duração determinada ou um algo que a partir dela vê sua condição existencial se esgotar. Mais do que mero acontecimento ao longo da vida, a morte e sua compreensão pelo *Daisen* é o que o caracteriza e o que o permite assumir a si mesmo, em sua condição mais própria.

A morte e sua compreensão também fazem com que ele se descubra como um ente temporal e, a partir disso, projeta-se para o fim e volta – como numa viagem do presente ao futuro e, depois, do futuro ao presente, novamente –, num exercício de autoconhecimento através do qual passa a compreender que o tempo, que ele mesmo é, termina. É partindo dessa concepção, que Koselleck estrutura sua teoria, que será melhor analisada no tópico adjacente, embora ancorada no pensamento heideggeriano, dele se diferenciará.

O que é o Tempo Histórico? ou a Filosofia Fundamenal de Reinhart Koselleck

Dentre sua vasta obra, o texto “Teoria da História e Hermenêutica”, de autoria de Reinhart Koselleck, publicado em língua portuguesa somente no ano de 2014 pela Editora Contraponto, integra o livro intitulado “Estratos do Tempo: Estudos sobre História” Consistente em uma conferência proferida em homenagem ao aniversário de Hans-Georg



Gadamer, nos idos de fevereiro de 1985, nele o autor procura demonstrar que, ao contrário do que muitos imaginam, é possível conceber a Teoria da História pré-linguística.

Para tanto, o autor inicia sua abordagem destacando a diferença entre a *Historik* de *Geschichte*. Ao que sustenta, a “última abarcaria as narrativas e estudos sobre o passado, enquanto a primeira configuraria um domínio das reflexões e descrições das modalidades possíveis de história, enquanto uma ciência teórica” (BENTIVOGLIO, 2007, p. 69). Partindo da intenção fundamental de responder ao questionamento “o que é o tempo histórico?”, que constitui o que se pode dizer é sua teoria fundamental; Koselleck passa a fazer uma releitura da obra de Martin Heidegger, intelectual que mais o influenciou.

Em “Ser e Tempo”, principal obra de Heidegger e cuja ontologia fundamental tenta, entre outras coisas, explicitar as condições de possibilidade da história, seja como narrativa histórica [*Historie*] ou como devir [*Geschichte*], Koselleck enxerga uma obra inacabada. Uma obra que, apesar do esforço de seu autor em evitar uma “antropologização”, suscitava numerosas categorias e interpretações³ que induziam a uma leitura antropológica e que poderiam ser ampliadas e expandidas.

Focado naquilo que denomina um esboço da ontologia fundamental de Heidegger, Koselleck passa, então, a questionar as determinações por aquele introduzidas e que, do seu ponto de vista, não se prestam a sustentar uma teoria da história que permita “deduzir as condições de possibilidade da história a partir da determinação fundamental da finitude e da historicidade” (KOSELLECK, 2014, p. 94).

Se em Heidegger o *Daisen* tem sua temporalidade delimitada pelo nascimento e a morte, fato decorrente da inultrapassável experiência de finitude vivenciada a partir da antevisão da morte, para Koselleck (2014, p. 95) isso significa que como *Daisen* “o homem ainda não se abriu ao próximo” e “tampouco se viu livre em sua conflitualidade com seus semelhantes”. Partindo do pressuposto de que as temporalidades da história são constituídas pelas relações humanas, a qual não pode ser reduzida a uma “existência particular”, Koselleck (2014) se propõe a completar a concepção de finitude da analítica existencial proposta por Heidegger, já que, ao que sustenta, poderia ela ser complementados por pares antitéticos que

³ “[...] suas análises incluíram termos como “cuidado” [*Sorge*] e “angústia” [*Angst*], ou como “assumir o destino” [*Schicksals*] e “história como destino” [*Geschick*]; também “autenticidade” [*Eigentlichkeit*] e “inautenticidade” [*Uneigentlichkeit*], “povo” e “fidelidade”, “herança”, “ser livre para a morte” [*Freisen zum Tode*], finalmente também “morte”, “culpa” [*Shuld*], “consciência” [*Gewissen*] e “liberdade” [*Freiheit*].”



estabelecem com maior rigor – e, certamente, de outro modo – o horizonte temporal das nossas experiências de finitude.

À essa razão, a proposta de Koselleck (2014) cinge-se a, mediante um exercício teórico de releitura e complementação do par Heideggeriano “ser-no-mundo” (tido por si como “nascimento”) e “ser-para-a-morte” (compreendido como “ter que morrer”), apresentar o que chama de as cinco categorias⁴, as quais diz bastante conhecidas e por isso adota como pares antitéticos, imagina seja possível destacar a estrutura temporal de qualquer história possível ou, em outras palavras.

A primeira investida de Koselleck, desse modo, é no sentido de através da ideia de “antecipação da morte” complementar a ideia de proposta e tida como ponto central do pensamento de Heidegger. A ela ele acrescenta a categoria que denomina como “poder matar” [*Totschlagenkönnen*]. Assim, ao invés de termos a “antecipação da morte” enquanto categoria, como proposto por Heidegger, a partir de Koselleck o que passa a existir é a ideia de “antecipação da morte” e “poder matar” como par antitético. Isso porquê “seguindo a terminologia de Heidegger, poderíamos dizer que o ‘poder-matar recíproco’ [*das gegenseitige sichumbringenkönnen*] é tão originário quanto a ‘antecipação da morte’, ou, em outras palavras, que tão fundamental quanto à morte propriamente dita é o fenômeno de causar a morte física de alguém, presente em muitas das histórias que conhecemos (KOSELLECK, 2014, p. 95-96).

Com inspiração em Carl Schmitt⁵, o segundo par antitético proposto por Koselleck é “amigo” e “inimigo”. Segundo o autor, “o desenvolvimento empírico, em sua sucessão diacrônica, sempre pressupõe o par antitético ‘amigo-inimigo’, quer se tratar de gregos combatendo contra bárbaros ou contra os próprios gregos”, quer se trate de “cristãos combatendo contra pagãos ou contra os próprios cristãos, das entidades modernas que falam em nome da humanidade combatendo o adversário que elas excluem do âmbito humano”, ou

⁴ “O fato de se tratar de categorias que sugerem uma ampliação para a antropologia histórica não deve nos incomodar. As categorias do próprio Heidegger sugeriram a legibilidade e a interpretabilidade antropológica de uma teoria da história que elas mesmas não foram capazes de fundar satisfatoriamente. Pois é impossível fundar satisfatoriamente as condições de possibilidade da história a partir de noções como “origem”, “herança”, “fidelidade”, “destino”, “povo”, “cuidado” e “angústia” – para repetir algumas categorias importantes” (KOSELLECK, 2014, p. 95).

⁵ SCHMITT, Carl. *La notion de politique: théorie du partizan*. Paris: Flammarion, 1992.



ainda, de “entidades que se compreendem como sujeito de uma classe lutando para abolir as classes” (KOSELLECK, 2014, p. 96-97).

Ao ser assim estabelecido, o par “amigo-inimigo” constitui uma oposição formal capaz de ser preenchida com qualquer conteúdo, no que chama, portanto, de uma “categoria transcendental de qualquer história possível” (KOSELLECK, 2014, p. 96). Mesmo que reconheça que por inteligência, simpatia humanitária ou mesmo como uma forma de autopreservação nesse planeta é preciso insistir no mandamento cristão de amor ao próximo, Koselleck faz questão de destacar o papel fundamental que tem esse par antitético ao pensamento. “Interior” e “exterior”, cuja oposição constitui a espacialidade histórica, é, sequencialmente, o terceiro par proposto por Koselleck (2014), mais do que isso, sua importância parte do pressuposto de que:

Não existe história de amor que não crie relações entre interior e exterior, e que não seja suportada por essa tensão. [...] Em termos de conteúdo, podemos estabelecer épocas da história mundial segundo suas definições de espaço interior e exterior, a começar pelos grupos nômades e caçadores, passando pelas complexas formas de organização das culturas avançadas, para finalmente chegar à sociedade mundial atual, plural e cheia de contenciosos. Hoje, parece que as fronteiras se tornaram osmóticas, pois os laços econômicos e técnicos exercem uma pressão crescente que aumenta a interdependência de todas as entidades do globo (KOSELLECK, 2014, p. 97).

O quarto e penúltimo par construído por Koselleck (2014, p. 100) parte da noção de “geratividade” [*Generativität*], a qual abarca a ideia de finitude, integradora das condições temporais que permitem engendrar novas histórias. Noção também trabalhada por Hannah Arendt, porém sob a expressão natividade ou natalidade, Koselleck (2014, p. 99) aponta que “mudanças e choques geracionais constituem diferentes horizontes temporais finitos que se deslocam e se imbricam, produzindo histórias”. Logo, sua proposta considera que o embate entre gerações também constitui uma das condições elementares da história, independentemente de se canalizada por instituições ou transformada de modo revolucionário.

Por derradeiro, “acima” e “abaixo”, forma de “anacronismo da antiga Europa”, onde se estabeleceu a relação entre “senhor” e “servo”, é o quinto e último par antitético proposto por Koselleck. Corolário lógico do fato de que as relações de poder que se transformam violentamente a partir de cada revolução acabarem por também estabelecerem novas relações de poder, o autor coloca o par antitético-assimétrico “acima-abaixo” como algo inerente às determinações de finitude sem as quais nenhuma história é possível, à revelia de artifícios de auto-organização política (KOSELLECK, 2014, p. 101).



David Carr: Fenomenologia e Narrativa

Nascido em 1940 nos Estados Unidos da América do Norte, David Carr é professor emérito de Filosofia da Universidade de Emory. Estudioso da fenomenologia, graduou-se pela Universidade de Yale, onde nos idos de 1966, completou também o seu doutorado. Não obstante, ao longo de sua formação acadêmica, quando ainda estudante de pós-graduação, Carr teve passagens pela Universidade de Heidelberg e pela Universidade de Paris.

Ao longo desse período, Carr não apenas teve a oportunidade estudar com Karl Löwith, Dieter Henrich e Has-Georg Gadamer, em Hidelberg, como com Paul Ricoeur, em Paris. Além da fenomenologia em geral, sua obra dá ênfase ao estudo da filosofia de Husserl e Kant e, em particular, à filosofia da história, onde considera que a base da estrutura narrativa é inerente à fenomenologia humana da experiência. Autor de diversos livros e numerosos ensaios, Carr teve ainda várias coleções editadas, traduzida até mesmo para o japonês.

A Narrativa e o Mundo Real: Um Argumento em Favor da Continuidade

“A Narrativa e o Mundo Real: Um Argumento a Favor da Continuidade”, recentemente lançado no Brasil, o texto foi publicado na obra organizada por Jurandir Malerba, intitulada “História e Narrativa: A Ciência e a Arte da Escrita Histórica”, da Editora Vozes, 2016. Após destacar que a narrativa tem sido motivo de intensas discussões interdisciplinares nos últimos anos, Carr passa a questionar qual é a relação entre a narrativa e os eventos por ela descritos? Segundo o autor, versando sobre a veracidade dos relatos narrativos, no sentido amplo do termo, esse debate vai estabelecido na suposição de que:

As histórias narrativas tradicionais pretendem nos contar o que realmente aconteceu. As narrativas ficcionais retratam eventos que, claro, por definição, nunca ocorreram, mas que são, muitas vezes, tidos como fiéis à realidade, isto é, elas nos contam como certos eventos poderiam ter ocorrido se eles realmente tivessem acontecido. Algumas histórias podem não exatas, e algumas estórias até mesmo *invraisemblable*, mas nada, a princípio, impede essas narrativas de alcançarem seus objetivos (CARR, 2016, p. 229).

Ocorre que essa perspectiva – a que chama de senso comum – tem enfrentado uma forte coalização. Filósofos, historiadores, teóricos e literários vêm a declarando errônea e ingênua, já que todo relato narrativo supostamente nos apresentará uma imagem distorcida dos eventos narrados, seja por falta de evidência ou verossimilhança, seja por razão de sua própria forma. Para Carr (2016), no entanto, isso não é verdade, pois é através das novas formas de viver e contar estórias – e de novos tipos de estórias –, que ficção e história podem ambas se revelar verdadeiras e criativas em seu melhor sentido.



Movido por uma profunda e interessante verdade que diz motivar a questão, Carr (2016) argumentar, então, contra essa coalização; argumenta, pois, que a narrativa não pode ser compreendida como apenas uma maneira bem-sucedida de descrição dos eventos, mas, pelo contrário, deve ser encarada também como algo que tem sua estrutura inerente aos próprios eventos. Na concepção do autor, portanto, um relato narrativo é uma extensão de uma de suas características principais, o que justifica, ao contrário do argumento de radical descontinuidade sustentado por alguns teóricos, prefira ele manter o de sua continuidade e comunidade de forma.

Vale lembrar que durante muito tempo acreditou-se que a história narrativa sempre continha elementos de ficção. Elementos esses que, ao que defendiam os estudiosos do campo da teoria da história, deveriam ser exorcizados por uma nova história científica. Mink e White são dois dentre um grande número desses teóricos. Segundo Caar, movidos por sua crença na íntima relação existente entre narrativas históricas e ficcionais que ambos acabam conduzidos nessa cética direção. Direção que será igualmente encontrada em alguns dos mais influentes estudos de narrativas literárias nos anos recentes, independentemente de se estruturalistas ou não estruturalistas⁶.

Uma estrutura narrativa separada do “mundo real” também pode ser vista na obra “Tempo e Narrativa”, do francês Paul Ricoeur. Lugar privilegiado para o exame de questões relativas à construção da narrativa histórica, o objeto de reflexão do autor é a relação entre o que chama “tempo vivido” e “narração”, ou, em outras palavras, “experiência” e “consciência”. Partindo da compreensão da história como algo simultaneamente lógico e temporal, Ricoeur adota uma posição crítica à Escola dos Annales.

⁶ [...] se olharmos para alguns dos mais influentes estudos de narrativas literárias nos anos recentes, encontraremos uma visão similar da relação entre narrativa e realidade. Essa visão é compartilhada por estruturalistas e não estruturalistas igualmente. Frank Kermode, em seu influente estudo *The Sense of an Ending*, coloca dessa maneira “Ao ‘darmos sentido’ ao mundo, nós [...] sentimos uma necessidade [...] de experimentarmos uma concordância de início, meio e fim, que é a essência da das nossas explicações ficcionais [...]”. Entretanto tais ficções “degeneram”, diz ele, em “mitos” cada vez que nós acreditamos de fato nelas ou atribuímos propriedade da realidade à sua narrativa, isto é, “sempre que elas não forem conscientemente consideradas como fictícias”. Em sua recente e útil apresentação das teorias estruturalistas da narrativa, Seymour Chatman, também falando da estrutura início, meio e fim, insiste em que ela seja aplicada “à narrativa, a estórias de eventos narrados, mais do que [...] às próprias ações, simplesmente porque tais razões são sem sentido no mundo real”. Ele faz eco ao seu mentor Roland Barthes. Em sua famosa introdução à análise estrutural da narrativa, Barthes diz que a “arte não conhece estática”. CARR, David. *A narrativa e o mundo real: um argumento em favor da continuidade* (MALEBRA, 2016, p. 231).



Longe de ter os acontecimentos como algo que meramente flui, introduz uma nova maneira de pensá-los em termos de estrutura, o que permite conciliar dialeticamente algo que antes parecia impossível, isto é, o tempo estrutural e lógico da análise historiográfica, de um lado, e o tempo vivido apoiado na narrativa, de outro. Embora Ricoeur pareça fazer uma explicação neutra a respeito da distinção entre história e ficção, segundo Carr (2014) a análise de sua teoria da relação mimética indica a existência de uma “estrutura pré-narrativa” de elementos que emprestam uma configuração à narrativa. Ricoeur se revela muito próximo de Mink, White e dos estruturalistas, mesmo que não chegue ao ponto de dizer que o mundo real é meramente sequencial.

De qualquer sorte, tanto para Ricoeur como para os outros autores citados, entende Carr que a estrutura da narrativa é separada do “mundo real”, o que serve para demonstrar que não somente a estrutura narrativa é considerada uma característica de textos literários e históricos, como, sobretudo, que tal estrutura é considerada como pertencente exclusivamente a tais textos. Assim, após analisar a perspectiva defendida por alguns dos escritores mais importantes sobre a narrativa na história e ficção, Carr passa a mostrar o porquê pensa que essa visão está equivocada. A esse respeito, sua crítica decorre do fato da teoria da descontinuidade se apoiar em um sério equívoco, qual seja distorcer a “realidade”, já que:

Às vezes, parece que o mundo ‘real’ deve ser o mundo físico, o qual deveria ser aleatório e desordenado ou, alternativa e contraditoriamente, ordenado de forma rigorosa junto a linhas causais; mas, de qualquer forma ele deveria ser totalmente indiferente às preocupações humanas. As coisas apenas acontecem em uma sequência sem sentido, como o som do relógio mencionado por Frank Kermode. Quando nos perguntam o que diz o relógio, ‘nós concordamos que diz tic-toc. Através dessa ficção, nós o humanizamos [...]. Obviamente, somos nós que fornecemos a diferença ficcional entre os dois sons; tic é a nossa palavra para o início físico; toc é nossa palavra para o fim (CARR, 2016, p. 234).

Segundo o autor, esse engenhoso exemplo acaba por apenas confundir as coisas. O fundamental, do seu ponto de vista, é a realidade humana – no que se inclui a própria atividade de tornar eventos físicos humanos, então retratada tanto em histórias como histórias – e não a realidade física, contra a qual, se julgarmos a validade da perspectiva da descontinuidade, a narrativa deve ser medida. Faz questão de lembrar, ainda, que menos do que uma mera sequência, os eventos da vida são uma estrutura de complexas configurações temporais, conectadas e receptoras de sua definição e significado dentro da própria ação, cuja estrutura pode não ser organizada. Como nem tudo funciona como o planejado, ou, como



em suas palavras, “qualquer coisa que seja a ‘vida’, dificilmente é uma sequência sem estrutura de eventos isolados”, isso acaba por adicionar à vida o mesmo elemento de contingência e suspense que encontramos nas estórias (CARR, 2016, p. 235).

Apesar de ser possível alegar que uma estrutura não é, necessariamente, uma estrutura narrativa, há de se reconhecer, todavia, que a estrutura da ação, de pequena à larga escala, é comum à arte e à vida. No tópico, problematiza o autor ao questionar:

O que os proponentes da perspectiva da descontinuidade entendem então, quando eles dizem que a vida não tem inícios, meios ou fins? Não é meramente o esquecimento da morte, como MacIntyre observou, ou do nascimento. Eles estão esquecendo todas as outras formas, menos definitivas, mas também importantes, de fechamento e estrutura a serem encontradas ao longo do caminho de uma a outra (CARR, 2016, p. 235-236).

É na improbabilidade de que os eventos humanos não possuam estrutura temporal que, em linhas gerais, pode-se dizer reside à crítica de Carr. Apesar disso, contudo, Carr (2016, p. 236) não aprofunda o que seriam essas chamadas “outras formas, menos definitivas, mas também importantes, de fechamento e estrutura a serem encontradas” usadas para sustentar sua crítica. Considerando que esse fato pode acabar por dificultar a compreensão de sua ideia, necessário nos parece refletir um pouco mais a respeito de sua proposta e na medida do possível, tentar ilustrar alguns exemplos de fácil indagação a fim de justificar sua posição. Os pares antitéticos assimétricos de Koselleck, nesse sentido, nos parecem uma boa maneira de operacionalizar essa pretensão.

Conclusão

A ideia de melhor ilustrar aquilo que Carr chamou de outros elementos também importantes, de fechamento e estrutura a serem encontradas, além do mero esquecimento da morte ou do nascimento, parte mais de um capricho teórico do que uma necessidade. Mesmo que não se ignore sua intenção, chama atenção o fato de que em meio a um texto tão rico e fundamentado, o autor não ter aprofundado esse que nos parece ser um de seus pontos fundamentais.

Sabedor de que Carr faz coro ao continuísmo, o qual sustenta que a vida dificilmente é uma sequência sem estrutura de eventos, já que é a complexa estrutura de configurações temporais que se conectam e recebem sua definição e seu significado de dentro da própria ação, é que acreditamos que seja possível completar sua ideia através de uma relação para com os pares antitéticos assimétricos de Koselleck. Isso não sem antes registrar que, ao que



pensamos, o próprio Koselleck pode ser tido um continuísmo, senão totalmente ao menos em maior grau do que poderíamos dizer que é descontinuísta.

A justificativa, para tanto, e aqui nos referimos a ambas as alegações (os pares antitéticos servirem para melhor ilustrar a ideia de Carr e Koselleck ser continuísta), parte do pressuposto de que os pares antitéticos assimétricos propostos por Koselleck (1. “antecipação da morte” e “poder matar”; 2. “amigo” e “inimigo”; 3. “interior” e “exterior”; 4. “geratividade”; 5. “acima” e “abaixo”)]caminham no mesmo sentido da crítica de Carr. Em outras palavras, eles também demonstram que “qualquer coisa que seja a ‘vida’, dificilmente é uma sequência sem estrutura de eventos” (CARR, 2016, p. 235).

Mais do que isso, os pares antitéticos propostos indicam, como sustentando por Carr, que os eventos da vida são qualquer coisa menos que uma mera sequência. Eles constituem a complexa estrutura de configurações temporais que se conectam e recebem sua definição e seu significado de dentro da própria ação. Isso porque, apesar de termos como pressupor uma sequência natural à vida, por exemplo, é fato que ao longo dela, um ou mais eventos podem num piscar de olhos inverter essa lógica.

O primeiro par de Koselleck, “antecipação da morte” e “poder matar”, por exemplo, ilustra muito bem isso, do mesmo modo que o segundo, “amigo” e “inimigo”. Nesse caso, porém, acreditamos que ambos estão ligados à noção de “esquecimento da morte” ou do “nascimento” mencionados por Carr e, não aquelas outras formas, menos definitivas, mas também importantes, de fechamento e estrutura a serem encontradas, a que nos propusemos melhor explicar.

Diferentemente deles, contudo, está o terceiro, quarto e quinto pares, os quais são, respectivamente, “interior” e “exterior”, a noção de “geratividade” e, por fim, o “acima” e “abaixo”. Com efeito, esses pares parecem servir a contento à problematização da crítica teórica apresentada por Carr ao descontinuísmo, uma vez que perfeitamente se encaixam na ideia de “outras formas, menos definitivas”, já que independem da ideia de “esquecimento da morte” ou do “nascimento”.

Para além do nascimento ou morte, a noção de “geratividade” por vezes se depara com uma realidade ilógica, onde morre antes a geração mais nova e que se pensava fosse desfalecer depois da ascendente. “Acima” e “abaixo” também é uma boa maneira de representar uma forma de rompimento, na qual, aliás, a morte não detém exclusividade. Nesse



mesmo aspecto, também se encaixaria a noção de “amigo” e “inimigo”, que apesar de vinculada à ideia de morte, não necessariamente a tem como um único fim, mormente na maioria dos conflitos, a submissão ao cárcere também é um caminho viável e bastante comum.

Não menos importante, a ideia de “interior” e “exterior”, que, como dito por Koselleck, “constitui a espacialidade histórica”. Se antes as fronteiras estavam visíveis e plenamente delimitadas dentro daquilo que poderia ser estabelecido como uma “lógica”, hoje, mais do que nunca, isso não acontece.

Desse modo, acreditamos que os pares antitéticos assimétricos de Koselleck podem muito bem ajudar na identificação daquilo que Carr chamou de outros elementos também importantes, de fechamento e estrutura a serem encontrados além do mero esquecimento da morte ou do nascimento. Afinal, usados para mencionar as condições transcendentais da história, esses pares indicam estruturas de finitude que, por se excluírem reciprocamente, suscitam conflitos, tensões e rupturas.

Referências

BENTIVOGLIO, J. História e hermenêutica: a compreensão como um fundamento do método histórico – percursos em Droysen, Dilthey, Langlois e Seignobos. **OPSIS**, Goiânia, v. 7, n. 9, jul./dez. 2007.

CARR, David. A narrativa e o mundo real: um argumento em favor da continuidade. In: MALEBRA, Jurandir (Org.). **História e narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **History of the concept of time**. Bloomington/Indiana: University Press, 1985.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**. São Paulo: Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC/Rio, 2014.

PEREIRA, Luisa Rauter. O debate entre Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck a respeito do conhecimento histórico: entre tradição e objetividade. **História da Historiografia**, v. 1, 2011.

SCHMITT, Carl. **La notion de politique: théorie du partizan**. Paris: Flammarion, 1992.